Cadernos de Psicanálise - SPCRJ

Cadernos de Psicanálise – SPCRJ, v. 35, n. 1, p. 37-44, 2019

Artigos

Trabalho analítico e seus dispositivos na clínica dos sofrimentos narcísicos*

Arthur Kottler[I], Silvia Zornig[II] **

[I] *Psicanalista. Especialista em Saúde Mental (IPUB/UFRJ); Mestre em Teoria Psicanalítica (UFRJ); Doutor em Psicologia (PUC-Rio). Membro do LABPSI (Laboratório Constituição Psíquica e Clínica Psicanalítica).*

[II] *Membro psicanalista da SPID; Professora associada do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio); Coordenadora do curso de especialização em Psicologia Clínica com Crianças (PUC-Rio). Coordenadora do LABPSI - Laboratório de Pesquisa: Constituição Psíquica e Clínica Psicanalítica.*

Resumo: *A intenção dos autores é investigar algumas contribuições teórico-clínicas do psicanalista francês René Roussillon acerca do trabalho analítico e seus dispositivos na clínica dos sofrimentos narcísicos. A fim de subsidiar esta investigação, examinamos de forma condensada as problemáticas quanto à origem precocemente traumática destes quadros e o mecanismo defensivo da clivagem, ambos tendo como possíveis efeitos, dentre outros, aquilo que Roussillon designa de "falta a ser" (manque à être), bem como a obstrução das potencialidades do ser. Em seguida, investigaremos alguns dispositivos analíticos apresentados pelo autor francês para o trabalho analítico com a clínica desses casos. Ao final do texto, buscamos propor a exploração das "potencialidades do ser não advindas" – expressão do autor – junto como uma possível direção ao trabalho analítico, tomando para tal o conjunto de dispositivos examinados.*

Palavras-chave*: sofrimentos narcísicos; trabalho analítico; dispositivos analíticos; direção da análise; René Roussillon.*

The analytical work and its devices in the clinic of narcissistic suffer

Abstract: *The authors' intent is to investigate some theoretical and clinical contributions of the French psychoanalyst René Roussillon on analytical work and its devices in the clinic of narcissistic sufferings. In order to subsidize this investigation, we examine in a condensed form the problems of the early traumatic origin of these cadres and the defensive mechanism of cleavage, both having as possible effects, among others, what Roussillon calls "lack to be" (manque à être), as well as the obstruction of the potentialities of the being. Next, we will investigate some analytical devices presented by the French author for the analytical work in the clinic of these cases. At the end of the text, we seek to propose the exploration of the "non-coming potentialities of the being" – the author's expression – together with a possible direction for the analytical work, taking for that the examined set of devices.*

Keywords*: narcissistic sufferings; analytical work; analytical devices; direction of analysis; René Roussillon.*

O psicanalista francês René Roussillon[1] vem se dedicando a refletir acerca de quadros patológicos que designa de "sofrimentos narcísicos identitários" (*souffrances identitaires-narcissiques*). Numa de suas publicações dedicada a esta clínica, esclarece que suas proposições acerca destes quadros vêm a se constituir num modelo teórico-clínico "alternativo e complementar" ao modelo de Freud (ROUSSILLON, 1999, p. 9, tradução nossa). Este esclarecimento fundamenta-se na distinção entre o modelo teórico-clínico de Freud, voltado para o exercício da clínica com os casos de neuroses de transferência, e o modelo proposto por Roussillon, em que os quadros acima mencionados não se enquadram em tais formas de neuroses, sendo casos de não neurose. Nota-se, portanto, que o autor francês, ao conceber

* Parte deste artigo reproduz trechos da tese de doutorado "Clínica dos sofrimentos narcísicos: dispositivos ao trabalho psicanalítico" (SILVEIRA, 2019), realizada no Programa de Pós-Graduação em Psicologia (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC-Rio) por Arthur Kottler da Silveira, primeiro autor do presente texto, sob orientação de Silvia Zornig, coautora deste artigo.

** E-mail: arthurkottler@yahoo.com.br, silvia.zornig@gmail.com

[1] Membro titular da *Societé Psychanalytique de Paris* (SPP), professor de psicologia clínica e psicopatologia na *Université de Lyon 2*, Membro do *Groupe Lyonnais de Psychanalyse Rhône-Alpe* (GLP-RA), ex-presidente do GLP-RA.

um modelo "alternativo e complementar" ao de Freud, o faz por considerar necessária uma ampliação desta referência para o atendimento às problemáticas que a clínica dos sofrimentos narcísicos envolve.

Diante desta necessidade de complementação, Roussillon toma como ponto de partida a metapsicologia freudiana para acrescentar, a alguns elementos desta, sua própria leitura. Nesse sentido, um dos principais pontos dessa ampliação fundamenta-se em sua concepção acerca da "intersubjetividade" no campo psicanalítico – a qual, como veremos algumas linhas adiante, ele busca articular à dimensão pulsional da teoria freudiana – dando origem à expressão por ele forjada de "pulsão mensageira". Essa concepção do autor tem implicações diretas na clínica uma vez que, ao conceder destaque a esta dimensão da intersubjetividade articulada ao registro pulsional, passa a ampliar o modelo clássico da escuta e do trabalho analítico, fundado, segundo o mesmo autor, numa teorização "[...] quase que exclusivamente centrada na escuta do funcionamento intrapsíquico do sujeito em análise" (ROUSSILLON, 2012a, p.7).

A partir destas considerações introdutórias, iniciamos o presente texto examinando as principais problemáticas destes quadros clínicos, tomando como referência para tal as indicações de Roussillon. Este estudo nos conduzirá, na sequência, para uma exploração, novamente a partir das contribuições deste autor, em torno do trabalho analítico e seus dispositivos na clínica desses casos.

Trauma, clivagem e a "potencialidade não advinda do ser" nos quadros de sofrimentos narcísicos

A experiência do trauma patogênico no contexto arcaico da constituição psíquica e o mecanismo defensivo da clivagem estão, para Roussillon, fundamentalmente na origem dos casos de "sofrimentos narcísicos-identitários". Seguindo as descrições das origens destes quadros, o autor propõe designar de "*traumatismo primário*" estas experiências traumáticas patogênicas ocorridas no referido contexto, tal como concebidas por Winnicott, em contraposição ao modelo que ele designa de "*traumatismo secundário*", próprio do recalque secundário, das neuroses de transferência tal como concebidas por Freud (ROUSSILLON, 1999). Ainda segundo o autor, os sujeitos que passam por esta experiência do traumatismo primário sentem-se "[...] sem saída, isto é, sem recurso interno ('estes se esgotaram'), nem recurso externo (estes falharam)" (ROUSSILLON, 1999, p. 19, tradução nossa), gerando o que descreve, neste mesmo trecho do texto, como estados de "impasse subjetivo", de "desespero existencial" e de "vergonha de ser" de tal magnitude que ameaçam a organização psíquica e a própria existência. Desse modo, prossegue o autor:

> O sujeito se sente "culpado" (culpa primária pré-ambivalente) e responsável por não ter podido enfrentar aquilo que confrontou, correndo o risco de "morrer de vergonha" diante da constatação da ferida narcísico-identitária primária que a situação traumática lhe inflige. A subjetividade defronta-se com aquilo que eu proponho chamar, na esteira de Bettelheim, uma *situação extrema* da subjetividade (ROUSSILLON, 1999, p. 20, tradução nossa).

A vivência deste traumatismo primário e o acionamento do mecanismo defensivo da clivagem num contexto dos primórdios da constituição psíquica levam a problemáticas na esfera identitária do sujeito, provocando a condição que Roussillon sintetiza com a expressão "falta-a-ser" (*manque à être*), caraterística dos referidos quadros de sofrimentos narcísicos identitários, no lugar da "falta-no-ser" (*manque dans l'être*), mais própria ao funcionamento do conjunto das neuroses de transferência (ROUSSILLON, 1999; 2000a; 2013a, 2013b). No último caso, a "falta-no-ser" estaria, sobretudo, relacionada a toda problemática em torno do modelo freudiano da angústia de castração, em contraposição a "falta-a-ser" a qual revela, e ao mesmo tempo é efeito de uma arcaica e radical amputação no ser (ROUSSILLON, 1999) diante do traumatismo primário e da clivagem, num contexto em que o eu ainda está se constituindo.

Para explorar esta problemática referente ao traumatismo primário, Roussillon revisita as contribuições de Winnicott a partir de uma leitura que busca introduzir a dimensão pulsional da teoria freudiana articulando-a ao registro das relações intersubjetivas na constituição psíquica e no modo de funcionamento do aparato psíquico. Retomemos assim brevemente a concepção de trauma em Winnicott, trazendo em seguida alguns aportes de Roussillon. Para o analista inglês, é no contexto dos primórdios do ser, onde o sujeito em sua constituição psíquica encontra-se na fase do desenvolvimento emocional da *dependência absoluta* (WINNICOTT, 1960/1983a, 1962/1983b, 1963/1983c) que se

impõe, de forma crucial, a importância do objeto primário. Nesse sentido, uma das funções deste objeto é instaurar uma continuidade de cuidados às necessidades do bebê, sendo tal função primordial para o sentimento de continuidade da existência deste, bem como – e de forma indissociável – para seu desenvolvimento emocional. A falha deste objeto em proporcionar tal continuidade de cuidados resultará, para o sujeito, numa quebra do sentimento de continuidade da existência, tendo como efeito a experiência do trauma inicial patogênico.

Desse modo, para descrever como se dá a irrupção do trauma relacionando-o com a participação direta do objeto, Winnicott (1971/1975a) estabelece uma sequência temporal em três tempos (X + Y + Z). O tempo X corresponde à duração na qual o bebê é capaz de preservar em seu incipiente aparato psíquico o sentimento da existência do objeto primordial. Um tempo superior a X implica progressiva perda da representação psíquica desse objeto.

No tempo Y, dá-se a ausência do objeto, ausência que pode ser entendida tanto literalmente como afastamento físico, como também uma insuficiência na qualidade dos afetos envolvidos nos cuidados e investimentos dispensados ao bebê, mesmo este objeto estando fisicamente presente, resultando assim numa espécie de distanciamento, no âmbito dos afetos. Este tempo é vivido com aflição pelo bebê; contudo, não haverá prejuízos a seu psiquismo caso o objeto "retorne" e consiga reparar suas falhas, dando sequência à continuidade de cuidados.

Não havendo o "retorno" do objeto até o tempo Y, sobrevém o tempo Z, e com ele a irrupção da experiência traumática. Nas palavras de Winnicott (1971/1975a, p. 135), "O trauma implica que o bebê experimentou uma ruptura na continuidade da vida [...]". Caso o objeto "retorne" neste último tempo, não será mais possível reparar sua "ausência".

Voltando às contribuições de Roussillon, para este autor, diante da intensidade inassimilável do traumatismo primário e da ameaça que traz ao eu, é acionada a clivagem, como mecanismo extremo de defesa. Esse mecanismo atua visando a sobrevivência psíquica; para isso isola e mantém o eu afastado do contato com a referida experiência traumática. Roussillon (1999) nota que nos quadros de sofrimentos narcísicos identitários, em que é acionada, a clivagem provoca uma divisão da subjetividade, em uma parte representada e outra irrepresentada. Assim, enquanto a primeira parte funcionará regida pelo princípio de prazer, a última, ao contrário, funcionará num regime anterior, mais primitivo e elementar do que este, o além (ou aquém) do princípio do prazer (FREUD, 1920/1990).

Roussillon (1999) acrescenta não ser suficiente um único acionamento da clivagem, por ocasião do trauma, sendo necessário que este mecanismo defensivo se mantenha permanentemente ativo. Assim, de modo análogo ao modelo do recalque nas neuroses, onde há uma tendência do retorno do recalcado, nos sofrimentos narcísicos esta tendência é observada no que se refere ao retorno do clivado.

A clivagem assume ainda um aspecto paradoxal, pois se, por um lado, busca assegurar a sobrevivência do eu isolando-o da experiência traumática, por outro, ao fazê-lo, impede, ou ao menos dificulta significativamente, o processo de representação, simbolização e apropriação subjetiva desta vivência (ROUSSILLON, 1999). Como efeito deste aspecto paradoxal dá-se ainda, segundo o mesmo autor, interrupção nas próprias potencialidades do ser (ROUSSILLON, 2000a). Tais potencialidades, apesar da clivagem, não são abolidas, permanecendo presentes no id junto ao material clivado referido à experiência traumática:

> [...] há também agora, no id ou em olhar tópico deste, formas de inconsciente dissociado, *clivado*, uma maneira de ser inconsciente e inapropriada, uma maneira de ser e de não ser na psique.[2] Há o "achado" não "criado", o "criável" não "achado", o que teve e não teve lugar, *o que permanece potencialmente presente sem estar cumprido*, o que foi vivido e não simbolizado, o que assombra as alcovas da psique, errante, em busca de uma forma, em busca de representação, em busca até de uma simples capacidade de presença. *Há o inconsciente no sentido do potencial*. Há o sofrimento ligado ao que não pôde ter lugar, [...]. (ROUSSILLON, 2000a, p. 64, grifo nosso).

Pensamos haver neste registro em torno do *potencial não cumprido* uma via inspiradora, dentre outras possíveis, para o trabalho analítico com a clínica dos casos sobre os quais estamos nos

[2] Neste ponto, Roussillon faz uma referência que, no texto, aparece sob a forma de nota de rodapé, a qual aqui reproduzimos: "Poderíamos aproximar, quanto a esse ponto, as visões de Winnicott e as de Bion, em particular com a teoria das pré-concepções neste último, que devem encontrar uma forma de realização para advir verdadeiramente" (ROUSSILLON, 2000a, p. 64).

debruçando, podendo vir, inclusive, permear alguns dispositivos clínicos indicados por Roussillon que abordaremos no tópico seguinte. Buscando melhor compreender a possível validade em explorar o referido registro no trabalho analítico, vale lembrar que este termo "potencial" utilizado por Roussillon evoca literalmente parte das expressões conceituais de Winnicott "*potencial* herdado" e "espaço *potencial*". Para o propósito do presente texto, iremos considerar apenas a primeira destas expressões, a qual o autor define considerando a abrangência do conceito: "O potencial herdado inclui a tendência no sentido do crescimento e do desenvolvimento" (WINNICOTT, 1960/1983a, p. 43).

Esta concepção nos parece valiosa no sentido de ser uma via a ser explorada pelo trabalho analítico, uma vez que os casos de sofrimentos narcísicos revelam, como examinamos acima, que esta tendência não pôde se cumprir, já que o trauma a interrompeu, impondo a descontinuidade nos referidos potenciais, contudo, não os abolindo. A este respeito, Roussillon (2000a, p. 66, grifo nosso) afirma: "As *potencialidades do ser não advindas* permanecem 'pendentes' na psique, como se diz de uma carta que não alcançou seu destinatário que ela está 'pendente'". Seguindo esta analogia proposta pelo autor, pensamos na análise como oportunidade para acolher e explorar estes potenciais que giram em torno do desenvolvimento psíquico, mantidos pendentes, ou ainda, suspensos, em decorrência do trauma inicial e da clivagem. Tomando este ponto referente aos "potenciais do ser ainda não advindos" como uma possível direção da análise, passamos em seguida a uma pesquisa sobre alguns dispositivos clínicos apresentados por Roussillon para o trabalho analítico com a clínica dos sofrimentos narcísicos.

Dispositivos analíticos na clínica dos sofrimentos narcísicos: algumas propostas de René Roussillon

Em uma entrevista publicada sob o título "Transferência paradoxal e modificações técnicas", Roussillon (2010) apresenta sucintamente, no plano da técnica, três arranjos articulados, a saber: ampliação da escuta psicanalítica ("escuta polifônica e polimórfica"), uso do objeto e "trocas no espelho". O primeiro dispositivo, a escuta ampliada, consiste na inclusão de outras categorias, além daquela voltada à linguagem verbal, sendo elas a do corpo, do ato e do afeto, as quais são utilizadas frequentemente no que Roussillon (2009) chama de "associatividade polimórfica", em contraste com a "associação livre" freudiana.

Vale lembrar que Freud, embora privilegie a escuta da linguagem verbal para o cumprimento da regra fundamental da associação livre, é quem irá ampliar esta possibilidade ao oferecer pistas quanto à ampliação de sua compreensão acerca do registro da fala. Vejamos em suas palavras: "[...] a expressão 'fala' deve ser entendida não apenas como significando a expressão do pensamento por palavras, mas incluída a linguagem dos gestos e todos os outros métodos, por exemplo, a escrita, através dos quais a atividade mental pode ser expressa" (FREUD, 1913/1996b, p. 179).

Trazendo esta compreensão ampliada de Freud acerca da dimensão da fala para o contexto do trabalho analítico com os quadros dos sofrimentos narcísicos, a mesma parece coadunar-se com o desafio desta clínica no que se refere à existência, no psiquismo destes analisandos, de conteúdos clivados que não ganharam representação e funcionam, como vimos acima, no regime de um além do princípio de prazer (FREUD, 1920/1990), em decorrência do trauma inicial. Neste sentido, portanto, a escuta analítica não deveria limitar-se à linguagem verbal da associação livre típica das neuroses de transferência, mas ser ampliada.

Seguindo esta perspectiva iniciada por Freud de ampliação da escuta analítica, Roussillon propõe a "escuta polifônica e polimórfica", a qual visa englobar não só o material não representado, desprovido de simbolização, logo, não verbalizado diretamente na associação livre, como também os aspectos arcaicos da subjetividade por ocasião do contexto inicial da experiência traumática e que se mantêm clivados no psiquismo. Partindo desta mesma citação a Freud (1913/1996b), Roussillon (2009, 2012a) examina na obra freudiana relatos de casos de histeria e de neurose obsessiva onde o fundador da psicanálise pôde observar formas ampliadas da fala em que o sujeito, além de utilizar o registro da linguagem verbal, encontra modos de comunicação com o objeto por meio de uma linguagem não verbal, sendo realizada pelas vias do corpo e da ação.

Esta pesquisa em Freud, juntamente à própria experiência clínica de Roussillon, levou o autor a destacar o papel do pulsional na origem dessas

mensagens endereçadas ao objeto, permitindo-lhe conceber as expressões "função mensageira da pulsão" e "pulsão mensageira" (ROUSSILLON, 2004, 2011) as quais colocam em evidência o objeto, ou melhor, o "outro-sujeito", dentro da perspectiva da *intersubjetividade*, como mencionamos no início do presente texto.[3] Vale lembrar, junto com Roussillon, que na descrição de Freud (1915/1996c) para o conceito de pulsão, o *objeto* é uma de suas quatro características. Nesta perspectiva, a pulsão se valeria do corpo e do ato motor para endereçar uma mensagem a um objeto utilizando para isso o registro do que o autor francês vem designando de linguagem "mimo-gesto-postural". Esta terminologia apresenta pequenas variações, dentre elas a supressão de um dos termos ou acréscimo, menos frequente, da modalidade "tônico" (ROUSSILLON, 2004, 2009, 2012a).

A escuta ampliada, polifônica, da clínica dos sofrimentos narcísicos vem assim a contemplar o polimorfismo desses diferentes registros que a pulsão encontra para endereçar sua mensagem, devendo desse modo estar não só atenta à linguagem verbal dos analisandos, como também à linguagem não verbal, como esta do registro acima mencionado. Vale pontuar que, no campo transferencial, o analista pode vir a ocupar o lugar de quem recebe estas mensagens enviadas. Como vimos examinando, tais mensagens comunicam, nestes diferentes registros, um conteúdo que aponta para as problemáticas identitárias cujas origens apontam para o trauma inicial patogênico.

Voltando à entrevista em que Roussillon (2010) descreve dispositivos clínicos para o trabalho analítico com a clínica dos sofrimentos narcísicos, o segundo recurso clínico por ele apresentado – "uso do objeto" – remete à expressão conceitual de Winnicott, que Roussillon sintetiza como a capacidade gradualmente conquistada no desenvolvimento emocional do sujeito em que este passa a ser capaz de diferenciar-se do objeto, reconhecendo-o como um não-eu. A partir desse conceito winnicottiano, o autor francês propõe uma escuta analítica que nela inclua os objetos primários, ou melhor, as relações que se estabelecem na relação entre os "processos do sujeito" com "processos de seus objetos". Esta inclusão consiste no segundo dispositivo técnico, vindo ampliar a compreensão do analista quanto ao modo de funcionamento psíquico do analisando, de modo a não ficar restrito a uma escuta exclusivamente do mundo intrapsíquico, abrindo assim a perspectiva ao campo da intersubjetividade. Tal posição se articula diretamente à sua compreensão da "função mensageira da pulsão", ou ainda à noção de "pulsão mensageira" ("*pulsion messagère*"), a qual envolve necessariamente um outro-sujeito, como vimos acima, estando reivindicada por Roussillon em textos como, entre outros, "La pulsion et l'intersubjectivité" (ROUSSSILLON, 2004) e "A intersubjetividade e a função mensageira da pulsão" (ROUSSILLON, 2011).

Vale assinalar que a referida compreensão, cujo desdobramento clínico passa por conceder atenção à escuta da participação dos objetos para o psiquismo do sujeito, não é algo inédito, estando consoante com a abordagem teórico-clínica de psicanálise que privilegia as relações de objeto, sendo Winnicott um de seus principais expoentes. É preciso, contudo, apontar que apesar de Roussillon fundamentar parte de sua teoria e clínica na citada abordagem, o autor busca, ao mesmo tempo, integrá-la ao registro pulsional, cuja origem provém da própria obra de Freud. Esta integração de perspectivas – objetal e pulsional – permite uma escuta não restrita ao intrapsiquismo, capaz assim de acolher a dimensão da intersubjetividade, como acima citada.

Este segundo dispositivo proposto por Roussillon nos permite relacioná-lo à problemática das potencialidades não advindas, uma vez que este mesmo autor localiza a participação dos objetos nestas potencialidades do sujeito ainda não advindas:

> O *não advindo ao eu* e à subjetividade refere-se ao que na experiência nunca pôde, devido ao tipo de respostas ou de ausência de respostas do objeto aos movimentos pulsionais e afetivos do sujeito, ser simbolizado, subjetivado e assim apropriado (ROUSSILLON, 2000b, p. 47, grifo nosso).

Como pontuamos anteriormente, vimos pensando tomar a exploração de tais potencialidades como central no trabalho analítico, podendo até mesmo ter papel de direção deste trabalho, como apontaremos ao final do presente texto.

O terceiro e último dispositivo analítico

[3] Voltaremos algumas linhas adiante a esta concepção acerca da pulsão mensageira e da contribuição desta compreensão para o segundo dispositivo analítico, apresentado na citada entrevista.

apresentado na entrevista concedida por Roussillon (2010) consiste no que designou de "trocas no espelho". Este é ilustrado a partir do modelo do *squiggle game*, conhecido como "jogo do rabisco", dispositivo clínico concebido por Winnicott (1971/1975c, 1971/1984) para o atendimento a crianças e adolescentes.[4] Roussillon (2010, p. 3, grifo nosso) propõe uma concepção inspirada neste dispositivo, vejamos em suas palavras:

> O paciente diz alguma coisa e o analista responde: "Será que posso entender o que você disse desse modo?" O paciente responde como se fizesse um traço, um desenho complementar e permite ao analista saber o que ele faz com aquilo que o outro dá a ele. Depois, é o que o analista faz com aquilo que lhe diz o paciente. Pode lhe dizer: – É assim que você compreendeu o que eu lhe disse? E assim, formam-se as *trocas* que levam a imagem que eu repito para ele, dele mesmo, e a imagem que ele reflete do que eu lhe digo.

Vemos que este dispositivo clínico permite ao analista investigar não só como o analisando é afetado pelas intervenções propostas pelo analista, mas também que destino dá a elas. O autor chama atenção para a dimensão de "troca", isto é, o analista, a partir de uma posição mais horizontal no manejo da transferência – já que o termo empregado é o de "trocas", uma das características do jogo do rabisco[5] – possibilitando maior plasticidade psíquica ao trabalho analítico, uma vez que indaga ao analisando como ele entendeu uma determinada comunicação sua e, a partir daí, incluir novos arranjos, composições e mesmo modificações de rumo.

Não podemos também deixar de notar o uso do termo "espelho" na expressão "trocas no espelho", termo que, como é sabido, esteve muito antes sob a pena de Freud. Recorrer a este mesmo termo é, podemos depreender, um recurso que Roussillon utiliza para contrastar o "seu" espelho, ao espelho opaco de Freud (1912/1996a). Assim, se o espelho de Freud busca, em seu aspecto opaco, apenas refletir e impedir que nada do "interior" deste espelho-analista possa ser revelado, o de Roussillon parece perder esta dimensão opaca. O espelho proposto pelo analista francês é o da "troca" – "trocas no espelho" – no sentido de que o analista não só se permite ser "visto" – talvez pudéssemos melhor expressar aqui com o termo "tocado" – como explicita isso, ao introduzir em suas intervenções verbais como foi afetado pelo que veio do analisando, ao mesmo tempo em que lhe indaga se a impressão que lhe chegou corresponde ao material trazido pelo analisando.

Avançando em suas propostas, o autor, em outra publicação – que, como veremos abaixo, guarda certa continuidade coerente entre o dispositivo acima referido e o que examinaremos agora – considerando as mesmas problemáticas referentes ao trauma inicial e à clivagem dos sofrimentos narcísicos, apresenta o modelo que, em seu percurso teórico-clínico, seria não só o mais recente na busca por dispositivos analíticos ao trabalho analítico, como também o que instauraria um novo paradigma a este trabalho:

> Vemos então emergir um novo paradigma para o trabalho psicanalítico. Trabalhamos atualmente na Europa em torno da *reflexividade*. É possível formular em termos muito simples e seria este o objetivo atual da psicanálise: *ser capaz de sentir e de se sentir, ser capaz de ver e de se ver, ser capaz de ouvir e de se ouvir* (ROUSSILLON, 2013b, p. 112, grifo nosso).

Neste mesmo sentido, vemos o autor afirmar em outro texto: "[...] o trabalho psicanalítico não pode mais ser concebido independentemente do aumento da reflexividade do sujeito, ele visa a permitir uma melhor forma de 'se entender', de 'se ver' e 'se sentir'" (ROUSSILLON, 2012a, p. 14). Assim, a inclusão na escuta analítica deste modelo em torno da *reflexividade* nos quadros de sofrimentos narcísicos permite ao analista estar atento aos primórdios, onde houve falhas do *papel especular da mãe* (WINNICOTT, 1971/1975b), que resultam na dificuldade do sujeito de apropriar-se de parte de suas experiências arcaicas, evocando, como vimos acima, o contexto traumático e o mecanismo defensivo da clivagem.

Este dispositivo da reflexividade tem como propósito buscar favorecer ao analisando um contato com os materiais clivados, os quais não ganharam representação e simbolização, sendo assim impedidos de serem integrados ao psiquismo e de serem por este apropriados. Roussillon, tomando

[4] Cito uma das descrições que Winnicott (1971/1975c, p. 32) apresenta para a dinâmica deste jogo: "Nesse jogo, rabisco um tipo qualquer e impulsivo de traços e convido a criança que estou entrevistando a transformá-lo em algo; depois, ela também faz um rabisco para que eu, por minha vez, o transforme em algo".

[5] Cabe acrescentarmos brevemente que o *jogo do rabisco* foi concebido e utilizado por Winnicott como um dispositivo para ser utilizado na abordagem clínica por ele designada de "consultas terapêuticas" (WINNNICOTT, 1971/1984). Nos atendimentos desta abordagem – com frequência de encontros bastante reduzida, de uma a duas "consultas" – a dimensão das trocas/"intercâmbio" entre analista e o paciente era enfatizada pelo autor, como podemos ver: "A técnica para esse trabalho [das consultas terapêuticas, as quais incluem o uso do jogo do rabisco] dificilmente pode ser chamada de técnica. Não há casos iguais e há um *intercâmbio* muito mais livre entre terapeuta e paciente do que num tratamento psicanalítico puro" (WINNNICOTT, 1971/1984, p. 9).

este aspecto do negativo como vicissitude do trauma, sugere que o analista, no contexto transferencial, aceite ser o espelho desses conteúdos negativos do analisando, sendo este "negativo" o intenso sofrimento decorrente do contexto arcaico traumático, o qual, em função da ação da clivagem, não é acessível ao próprio sujeito, impedindo-o assim, como vimos acima, de se sentir, ver e ouvir seus próprios conteúdos aflitivos (ROUSSILLON, 2012a, 2012b). Nesta perspectiva, o trabalho analítico indicado por Roussillon consiste em "refletir" ao analisando este "negativo". Desse modo, a análise pode trazer a oportunidade de o analisando entrar em contato com o que foi clivado – em função do trauma patogênico, como indicamos mais acima – e que permanece presente em seu psiquismo, de forma a favorecer a apropriação psíquica desse material.

Notamos, contudo, que essa reflexividade pode ser ampliada, isto é, se de um lado, como vimos acima segundo Roussillon, o material a ser refletido é esse "negativo", clivado, sem representação, ameaçador à integridade do eu, cujo desdobramento recai na esfera identitária da "falta a ser", por outro lado, consideramos haver simultaneamente presentes no aparato psíquico do analisando as "potencialidades do ser não advindas", que consideramos poderem também ganhar reflexividade pelo analista.

Por fim, pensamos o trabalho analítico com a clínica dos sofrimentos narcísicos podendo assumir como possível direção a de explorar essas potencialidades do ser, sem desconsiderar o "negativo" acima referido, utilizando para tal não só o dispositivo da reflexividade, como também os outros três recursos anteriormente examinados. Nessa direção, poder-se-ia favorecer no processo analítico uma transformação subjetiva, passando da condição psíquica de falta-a-ser à retomada e atualização das potencialidades do ser.

Referências

FREUD, S. Além do princípio do prazer (1920). In: SALOMÃO, J. (Org.). *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1990. v. XVIII, p. 11-85. Edição Standard Brasileira.

FREUD, S. Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise (1912). In: SALOMÃO, J. (Org.). *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996a. v. 12, p. 123-133. Edição Standard Brasileira.

FREUD, S. O interesse científico da psicanálise (1913). In: SALOMÃO, J. (Org.). *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996b. v. 13, p. 169-192. Edição Standard Brasileira.

FREUD, S. Os instintos e suas vicissitudes (1915). In: SALOMÃO, J. (Org.). *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996c. v. 14, p. 137-168. Edição Standard Brasileira.

ROUSSILLON, R. *Agonie, clivage et symbolisation*. Paris: Presses Universitaires de France, 1999.

ROUSSILLON, R. A atualidade de Winnicott. *Trieb – Revista da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro,* n. 9, p. 55-71, 2000a.

ROUSSILLON, R. Entrevista do autor à Revista Trieb**.** *Trieb – Revista da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro*, n. 9, p. 33-54, 2000b.

ROUSSILLON, R. La pulsion et l'intersubjectivité. *Adolescence*, [S.l.], v. 50, n. 4, p.735-753, 2004. CAIRN. Disponível em: https://www.cairn.info/revue-adolescence1-2004-4-page-735.htm. Acesso em: 10 set. 2016.

ROUSSILLON, R. A associatividade e as linguagens não verbais. *Revista de Psicanálise da SPPA*, v. 16, n. 1, p. 143-165, 2009. Disponível em: https://reneroussillon.com/en-espagnol-portugais-allemand/a-associatividade-e-as-linguagens-na%CC%83o-verbais/. Acesso em: 20 jan. 2015.

ROUSSILLON, R. Transferência paradoxal e modificações técnicas (entrevista do autor). *Jornal de psicanálise,* São Paulo, v. 43, n. 78, p.13-18, 2010. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/pdf/jp/v43n78/v43n78a02.pdf. Acesso em: 07 set. 2016.

ROUSSILLON, R. A intersubjetividade e a função mensageira da pulsão. *Revista Brasileira de Psicanálise*, v. 45, n.3, p. 159-166, 2011. Disponível em: https://reneroussillon.files.wordpress.com/2014/08/453_2011_-rene-roussillon-pdf.pdf. Acesso em: 1 mar. 2018.

ROUSSILLON, R. As condições da exploração psicanalítica das problemáticas narcísico-identitárias. *ALTER – Revista de Estudos Psicanalíticos*, v. 30, n. 1, p. 7-32, 2012a. Disponível em: http://www.spbsb.org.br/site/images/Novo_Alter/2012_1/01Roussillon.pdf. Acesso em: 8 jul. 2017.

ROUSSILLON, R. Deux paradigmes pour les situations-limites: processus mélancolique et processus autistique. *Le Carnet Psy*, [S.l.], v. 161, n. 3, p. 37-41, 2012b. http://dx.doi.org/10.3917/lcp.161.0037.

ROUSSILLON, R. Comentários de René Roussillon. In: FIGUEIREDO, L. C. M.; SAVIETTO, B. B.; SOUZA, O. (Org.).

Elasticidade e limite na clínica contemporânea. São Paulo: Escuta, 2013a. p. 63-72.

ROUSSILLON, R. Teoria da simbolização: A simbolização primária. In: FIGUEIREDO, L. C. M.; SAVIETTO, B. B.; SOUZA, O. (Org.). *Elasticidade e limite na clínica contemporânea*. São Paulo: Escuta, 2013b. p.107-122.

SILVEIRA, A. K. *Clínica dos sofrimentos narcísicos: dispositivos ao trabalho psicanalítico*. 2019. Tese (Doutorado) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

WINNICOTT, D. W. A localização da experiência cultural (1971). In: *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975a. p. 133-144.

WINNICOTT, D. W. O papel de espelho da mãe e da família no desenvolvimento infantil (1971). In: *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975b. p. 153-162.

WINNICOTT, D. W. Objetos transicionais e fenômenos transicionais (1971). In: *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975c. p. 13-44.

WINNICOTT, D. W. Teoria do relacionamento paterno-infantil (1960). In: *O ambiente e os processos de maturação*: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Porto Alegre: Artmed, 1983a. p. 38-54.

WINNICOTT, D. W. Provisão para a criança na saúde e na crise (1962). In: *O ambiente e os processos de maturação*: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Porto Alegre: Artmed, 1983b. p. 62-69.

WINNICOTT, D. W. Da dependência à independência no desenvolvimento do indivíduo (1963). In: *O ambiente e os processos de maturação*: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Porto Alegre: Artmed, 1983c. p. 79-87.

WINNICOTT, D. W. *Consultas terapêuticas em psiquiatria infantil* (1971). Rio de Janeiro: Imago, 1984.

Recebido em: 11 de abril de 2019

Aceito em: 3 de dezembro de 2019